

DE ILIPA A MUNDA

GUERRA E CONFLITO NO SUL DA HISPÂNIA

GUERRA Y CONFLICTO EN EL SUR DE HISPANIA

Carlos Pereira
Pedro Albuquerque
Ángel Morillo
Carlos Fabião
Francisca Chaves
(eds.)



CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

DE ILIPA A MUNDA

GUERRA E CONFLITO NO SUL DA HISPÂNIA

GUERRA Y CONFLICTO EN EL SUR DE HISPANIA

CARLOS PEREIRA

PEDRO ALBUQUERQUE

ÁNGEL MORILLO

CARLOS FABIÃO

FRANCISCA CHAVES

(eds.)

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)
Direcção e orientação gráfica: Ana Catarina Sousa
Série fundada por Victor S. Gonçalves

15.
PEREIRA, C. - ALBUQUERQUE, P. - MORILLO, A. - FABIÃO, C.
- CHAVES, F. (2021) – *De Ilipa a Munda. Guerra e conflito no Sul da Hispânia*. Estudos e memórias 15. Lisboa: UNIARQ/FL-UL. 327 p.

Capa: Da esquerda para a direita: fotografia de C. Pereira; a mesma imagem convertida em bitmap; fotografia e desenho de G. Ulbert (cedidos pelo Instituto Arqueológico Alemão de Madrid).

Coordenação editorial: Carlos Pereira

Paginação e composição: Constança Gonçalves

Impressão: Europress - Indústria Gráfica

400 exemplares

ISBN: 978-989-53453-2-8 / **Depósito legal:** 490559/21

DOI: <https://doi.org/10.51427/10451/50003>

Copyright ©, 2021, os autores.

Toda e qualquer reprodução de texto e imagens é interdita, sem a expressa autorização do autor, nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL 63/85, de 14 de Março, com as alterações subsequentes.
Lisboa, 2021.

Esta publicação foi concretizada e financiada através dos projectos científicos:

- Acampamentos militares romanos no Ocidente peninsular: estratégias de conquista e controlo do território”, SFRH/BPD/108721/2015, dirigido por Carlos Pereira;
- Paisaje y territorio militarizado en la Hispania Romana: movilidad y transferencia cultural (siglos II a.C. – IV d.C.), HAR2017-85929-P, MINECO/AEI/FEDER, UE dirigido por Ángel Morillo Cerdán e Cruces Blázquez Cerrato;

Impressão financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projectos:

- UIDB/00698/2020;
- UIDP/00698/2020.

Todos os contributos que compõem este volume foram submetidos a uma criteriosa política editorial, tanto pelo coordenador, no que respeita ao conteúdo formal e ao cumprimento das normas de edição desta colecção, como pelos revisores. O processo de avaliação dos trabalhos seguiu os critérios blind peer review, tendo-se seleccionado investigadores externos (nacionais e internacionais) especializados em diferentes disciplinas.

Esta edição está disponibilizada em acesso aberto, gratuitamente em versão a cores, promovendo e incentivando a circulação e promoção do conhecimento gerado por trabalhos ou projectos científicos. Esta publicação conta igualmente com uma versão impressa, a preto e branco, que foi distribuída gratuitamente por bibliotecas e instituições relevantes, nacionais e internacionais, de forma a ampliar o acesso aos trabalhos que integra.

VOLUMES ANTERIORES:

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1985) - *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Estudos e Memórias, 1. Lisboa: CAH/UNIARQ/INIC. 321 p.

GONÇALVES, V. S. (1989) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 volumes. Estudos e Memórias, 2. Lisboa: CAH/UNIARQ/INIC. 566+333 p.

VIEGAS, C. (2011) - *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Estudos e Memórias, 3. Lisboa: UNIARQ. 670 p.

QUARESMA, J. C. (2012) - *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica de cozinha em Chãos Salgados (Miróbriga)*. Estudos e Memórias, 4. Lisboa: UNIARQ. 488 p.

ARRUDA, A. M. (ed.) (2013) - *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. 1. Estudos e Memórias, 5. Lisboa: UNIARQ. 506 p.

ARRUDA, A. M. (ed.) (2014) - *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. 2. Estudos e Memórias, 6. Lisboa: UNIARQ. 698 p.

SOUSA, E. (2014) - *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. Estudos e Memórias, 7. Lisboa: UNIARQ. 449 p.

GONÇALVES, V. S. - DINIZ, M. - SOUSA, A. C. (eds.) (2015) - *5º Congresso do Neolítico Peninsular. Actas*. Estudos e Memórias, 8. Lisboa: UNIARQ. 621 p.

SOUSA, A. C. - CARVALHO, A. - VIEGAS, C. (eds.) (2016) - *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. Estudos e Memórias, 9. Lisboa: UNIARQ. 623 p.

GONÇALVES, V. S. (ed.) (2017) - *Sinos e Taças, Junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Estudos e Memórias, 10. Lisboa: UNIARQ. 364 p.

GONÇALVES, V. S. - SOUSA, A. C. (2018) - *Casas Novas, numa curva do Sorraia (no 6º milénio a.n.e. e a seguir)*. Estudos e Memórias, 11. Lisboa: UNIARQ. 279 p.

MORÁN HERNÁNDEZ, M. E. (2019) - *El asentamiento prehistórico de Alcalar (Portimão, Portugal). La organización del territorio y el proceso de formación de un estado prístino en la Bahía de Lagos en el tercer milenio a.n.e.* Estudos e Memórias, 12. Lisboa: UNIARQ. 312 p. + 4 extratextos.

ARRUDA, A. M. - FERREIRA, D. - SOUSA, E. (2020) – *A cerâmica grega do Castelo de Castro Marim*. Estudos e memórias 13. Lisboa: UNIARQ/FL-UL. 112 p.

SOUSA, A. C. - BRAGANÇA, F. - TORQUATO, F. - KUNST, M. (2020) - *Georg e Vera Leisner e o estudo do Megalitismo no Ocidente da Península Ibérica. Contributos para a história da investigação arqueológica luso-alemã através do arquivo Leisner (1909-1972) / Georg und Vera Leisner und die Megalithgräberforschung im Westen der Iberischen Halbinsel. Beiträge zur portugiesisch-deutschen Forschungsgeschichte der Archäologie im Spiegel des Leisner-Archivs (1909-1972)*. Estudos e Memórias, 14. Lisboa: UNIARQ/IAA/DGPC. 704 p.

ÍNDICE

PREFÁCIO	1
CARLOS PEREIRA E ÁNGEL MORILLO	
APRESENTAÇÃO: EM BUSCA DO EXÉRCITO ROMANO NA HISPÂNIA REPUBLICANA	5

HISTORIOGRAFIA E FONTES - HISTORIOGRAFÍA Y FUENTES

NUNO SIMÕES RODRIGUES	
A PENÍNSULA IBÉRICA COMO HORIZONTE MITOLÓGICO DO CONFLITO PARA GREGOS E ROMANOS	21
CÁNDIDA MARTÍNEZ LÓPEZ E MERCEDES ORIA SEGURA	
ENTRE LA GUERRA Y LA PAZ. APROXIMACIONES METODOLÓGICAS AL ESTUDIO DE LAS MUJERES Y LA GUERRA EN EL MUNDO ANTIGUO	31
ROSALÍA HERNÁNDEZ GARCÍA	
LAS HISPANAS Y ROMA: LA OPOSICIÓN DE LAS MUJERES A LA CONQUISTA ROMANA (206-45 A.C.). UNA REVISIÓN	51
JOSÉ RAMON HERRERA DELGADO E PEDRO ALBUQUERQUE	
ILIPA Y MUNDA EN LA HISTORIOGRAFÍA Y COROGRAFÍA IBÉRICAS DE LOS SIGLOS XVI Y XVII	65
JESÚS SALAS ÁLVAREZ	
LA BATALLA DE MUNDA Y EL EPÍLOGO DEL ASEDIO DE URSO	77

SÍTIOS E CONTEXTOS DE ORIENTE PARA OCIDENTE - YACIMIENTOS Y CONTEXTOS DE ORIENTE A OCCIDENTE

SONIA BAYO FUENTES, JESÚS MORATALLA JÁVEGA E FELICIANA SALA SELLÉS	
ARQUEOLOGÍA DE LA CONQUISTA ROMANA EN LA CONTESTANIA IBÉRICA. LOS FORTINES TARDORREPUBLICANOS DE LA COSTA Y LA VIGILANCIA DEL CAMINO HACIA <i>CARTHAGO NOVA</i>	93
ÁNGEL MORILLO CERDÁN, ESPERANZA MARTÍN HERNÁNDEZ, ROSALÍA DURAN CABELLO E GERMAN RODRÍGUEZ MARTÍN	
EL COMPLEJO MILITAR TARDORREPUBLICANO DEL PEDROSILLO (CASAS DE REINA, BADAJOZ). CAMPAÑA DE 2010	107
FRANCISCO JAVIER HERAS MORA	
EL CAMPAMENTO ROMANO DE VALDETORRES EN LOS CONFLICTOS MILITARES DE LOS SIGLOS II Y I A.N.E. EN EL SUR HISPANO	133

CARMELO FERNÁNDEZ IBÁÑEZ	
REFLEXIONES PRELIMINARES SOBRE LA REVISIÓN DEL CONJUNTO ARMAMENTÍSTICO DEL FINAL DE LA REPÚBLICA EN EL CAMPAMENTO DE CÁCERES EL VIEJO (CÁCERES, ESPAÑA)	151
VICTORINO MAYORAL HERRERA, PEDRO DELGADO MOLINA, CARMEN PRO MUÑOZ	
EN BUSCA DEL EJÉRCITO INVISIBLE: RASTREANDO LA PRESENCIA MILITAR TARDORREPUBLICANA EN EL CASTRO DE VILLASVIEJAS DEL TAMUJA	169
CARLOS PEREIRA	
ESTRATÉGIAS DE ACÇÃO E CONTROLO DO TERRITÓRIO. NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE CÁCERES VIEJO (CASAS DE MILLÁN, CÁCERES)	191
ANA MARGARIDA ARRUDA	
GUERRA E PAZ: O ALGARVE ROMANO ENTRE <i>ILIPA</i> E <i>MUNDA</i>	209
RUI MATALOTO E ALEX MICHAEL ELLIOTT	
FROM THE <i>BAETIS</i> TO THE <i>TAGUS</i>: TRACES OF WARFARE IN THE ALENTEJO IN THE LATE 2ND/EARLY 1ST CENTURY BC	225
TERESA RITA PEREIRA	
O CONTRIBUTO DO CONJUNTO ARTEFACTUAL DE CABEÇA DE VAIAMONTE (MONFORTE, PORTALEGRE) PARA A LEITURA DO “PANORAMA SERTORIANO”	253
JOAQUINA SOARES, CARLOS TAVARES DA SILVA, JOÃO PIMENTA, TERESA RITA PEREIRA, SUSANA DUARTE, ANTÓNIA COELHO-SOARES CLEIA DETRY E VINCENZO SORÍA	
O CASTRO DE CHIBANES NOS MEANDROS DA CONQUISTA ROMANA	275
JOÃO PIMENTA E HENRIQUE MENDES	
MONTE DOS CASTELINHOS - VILA FRANCA DE XIRA. UMA FUNDAÇÃO ROMANA REPUBLICANA EX NOVO NO BAIXO TEJO	293
JOÃO PIMENTA	
O VALE DO TEJO COMO EIXO DA CONQUISTA ROMANA DA FACHADA ATLÂNTICA: ENTRE BRUTO E CÉSAR	309

PREFÁCIO

CARLOS PEREIRA
PEDRO ALBUQUERQUE
ÁNGEL MORILLO
CARLOS FABIÃO
FRANCISCA CHAVES

O presente volume constitui um modesto contributo para o debate e divulgação da linha de investigação sobre Arqueologia Militar Romana. Resultado da organização de um evento internacional¹, foi inicialmente idealizado no âmbito do projecto de pós-doutoramento² de um de nós (Carlos Pereira), mas para o qual foram determinantes a colaboração de Pedro Albuquerque e o apoio da Universidade de Sevilha. Todavia, nada disto teria sido possível sem as assertivas e cirúrgicas indicações de Ángel Morillo, Francisca Chaves e Carlos Fabião, que nos orientaram nesta complexa temática. O evento, que decorreu nos dias 3 e 4 de Dezembro de 2019, teve lugar na Universidad de Sevilla e acolheu um total de cerca de 60 assistentes e 32 investigadores de diferentes países (total de 24 comunicações), que concederam valiosos contributos para o debate da Arqueologia Militar. Foi organizado pela Universidade de Sevilha e pela UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e financiado pelo Vicerrectorado de Relaciones Institucionales da Universidade de Sevilha.

Infelizmente, para esta publicação, não foi possível contar com todas as contribuições que, por questões várias, não integram este volume e que compunham de forma mais homogénea os eventos militares ocorridos entre as batalhas que lhe dão título. No entanto, outras foram somadas e patenteiam algumas das questões que são mencionadas ao longo destas páginas, entre elas, o regresso a notórios sítios que têm ainda muito a contribuir para o conhecimento da Arqueologia Militar e que ampliam a visão de conjunto sobre estes temas.

Os trabalhos apresentados foram distribuídos por dois blocos temáticos: um dedicado à historiografia, fontes literárias e questões de género; o outro integra estudos de sítios, contextos e materiais arqueológicos. No primeiro, o leitor pode encontrar aspectos da Península Ibérica através das narrativas dos *corpora* mitológicos, mas também compreender a relação das mulheres com a guerra na Antiguidade e o papel por elas desempenhado, assim como a sua postura perante casos concretos que nos foram transmitidos pela literatura antiga. Todavia, também a literatura moderna é fonte de informação sobre a evolução no entendimento das grandes batalhas ocorridas no Sul do território peninsular. Por esse motivo alguns trabalhos abordam a representação das batalhas de *Ilipa* e de *Munda* em obras recentes, sendo um deles dedicado a uma análise ainda mais detalhada sobre um desses “campos de batalha”.

O segundo bloco, mais extenso, incorpora um total de 12 trabalhos que dissecam sítios e contextos e que abrem horizontes sobre um tema ainda bastante difícil. Tal como se expressa, a sua ordem segue um critério geográfico, pois uma organização cronológica revelar-se-ia inglória, já que muitos dos sítios apresentados oferecem uma diacronia de ocupação longa e, não poucas vezes, de génese indígena. Apresentam-se sítios militarizados, mas também acampamentos militares romanos e campos de batalha, nos quais os autores conseguem debater cada um deles de forma harmoniosa, articulando continuamente

¹ Seminário Internacional “De *Ilipa* a *Munda*: Guerra y conflicto en el sur de Hispania”.

² Acampamentos militares romanos no Ocidente peninsular: estratégias de conquista e controlo do território, SFRH/BPD/108721/2015

os argumentos entre os contextos, os materiais e o enquadramento crono-cultural. Com efeito, já não são suficientes os tradicionais estudos dos materiais seleccionados e dos palimpsestos onde estes se encontram, sendo cada vez mais relevantes a análise integrada dos contextos e das quantificações.

Somos cientes, contudo, que esta obra se foca particularmente num período mais concreto do que aquele que é abrangido pelo título, centrado nas últimas décadas do século II a.C. e nas primeiras do seguinte. Esta situação, além de ser resultado da área geográfica a que estes estudos se dedicam, é também consequência das próprias modas ou dinâmicas dos estudos realizados no momento. Com efeito, é inegável que nas últimas décadas se tem centrado a investigação naquela fase concreta da conquista. Apesar disso, esperamos que esta obra possa vir a ser seguida por outras, que lhe dêem continuidade e que a complementem, quer seja geográfica ou cronologicamente.

Além disso, as novas tecnologias aplicadas durante as escavações dos contextos, o maior e melhor conhecimento que temos dos artefactos, sobretudo sobre a sua cronologia, e o estabelecimento de conjuntos-tipo bem definidos têm permitido que possamos determinar com mais precisão o “quando”, o “como” e o “porquê” para cada sítio que escavamos. Esta disponibilidade de novas ferramentas e formas de entender o passado já deram provas da sua validade no campo da Arqueologia Militar. A estes progressos soma-se o cada vez mais comum recurso a novas tecnologias para identificar e auxiliar o entendimento dos estabelecimentos militares, temática que também é digna de um futuro volume monográfico. Porém, estas ferramentas devem ser utilizadas com cautela, pois a tradicional Arqueologia continua a ser a forma primordial de corroborar ou construir narrativas históricas científicas precisas, ainda que auxiliada pela tecnologia.

Finalmente, gostaríamos de deixar uma palavra de agradecimento a quem financiou esta publicação, concretamente à UNIARQ, na figura do seu director, o professor Carlos Fabião, à FCT, mas também a Ángel Morillo e a Maria Cruces Blázquez que, através do projecto “Paisaje y territorio militarizado en la Hispania romana: movilidad y transferencia cultural (ss. II a.C.-IV d.C.)” (MINECO/AEI/FEDER) (I+D HAR2017-85929-P), deram um importante contributo.

<p>Organizadores</p> <p>Pedro Albuquerque (US, FCT, Uniarq), Carlos Pereira (FLUL, FCT, Uniarq)</p> <p>Comité Científico Ángel Morillo Cerdán (UCM) Francisca Chaves Tristán (US)</p> <p>Secretariado Manuel Díaz Rodríguez</p>  <p><small>Imagen adaptada de Peter Comolly 1981</small></p>	<p>Participan</p> 	<p>DE ILIPA A MUNDA</p>  <p>Guerra y conflicto en el sur de Hispania</p> <p>Vicerrectorado de relaciones institucionales Departamento de Prehistoria y Arqueología (Universidad de Sevilla) Uniarq (Universidad de Lisboa)</p> 
--	---	--





Figs. 1 a 5 - Documentando o evento: tríptico de divulgação do Seminário Internacional; fotografias gerais e concretas do evento e de algumas das comunicações apresentadas.

APRESENTAÇÃO: EM BUSCA DO EXÉRCITO ROMANO NA HISPÂNIA REPUBLICANA

CARLOS PEREIRA
ÁNGEL MORILLO

Os estudos sobre a Arqueologia Militar Romana têm evidenciado a importância da Hispânia ao longo de todo o processo de conquista. Todavia, não se tem dedicado o mesmo investimento em todo o território, nem de forma homogênea. Embora as fontes literárias nos concedam abundantes dados sobre actividades militares romanas e, em última análise, sobre o processo de conquista da Hispânia, persiste ainda um grande desconhecimento sobre este processo em determinadas áreas da Península Ibérica, não só geográficas, mas também temáticas. Apesar disso, vários trabalhos têm vindo a contrariar essa realidade e foram relevantes para o avanço no conhecimento das distintas fases e das ocupações da Hispânia.

As duas grandes batalhas que dão título a esta obra, a de *Ilipa* (206 a.C.) e a de *Munda* (45 a.C.), que ocorreram no Sul da Hispânia, estabelecem os limites cronológicos e geográficos deste volume, impostos pela extensão e volume de trabalhos que têm sido recentemente concretizados. A batalha de *Ilipa* determinou a expulsão dos exércitos cartagineses da Hispânia e marca o início da conquista deste território, enquanto a de *Munda* concluiu-se com a vitória de Júlio César e marca o fim das guerras civis. Este é, portanto, um período em que as ações militares romanas na Península Ibérica foram impactantes neste território, tendo deixado marcas mais ou menos evidentes no registo arqueológico. Nestas páginas pretendeu-se discutir alguns aspectos do longo processo de conquista e também os epifenómenos que ocorreram durante as guerras civis romanas. Neste sentido, as fontes literárias são de particular relevância, fornecendo informações que, complementadas pelos dados arqueológicos, são um importante contributo para esta disciplina. Procurámos, também, estimular o debate de questões específicas, como o papel das mulheres nestes contextos de conflito, o abastecimento e a dieta alimentar nos recintos militares romanos ou aspectos relacionados com a economia de guerra.

Além de se pretender delinear o estado da questão e debater velhos dados com novos argumentos, pretendeu-se facilitar a apresentação de dados recentes sobre sítios militares relacionados com táticas militares no Sul e Ocidente da Hispânia. A apresentação destes novos dados e o estudo dos sítios seguramente proporcionam progressos inéditos no conhecimento dos contextos de conflito e de actividade militar, bem como o seu impacto nas dinâmicas sociais, económicas e culturais das regiões e comunidades locais. Todavia, parece relevante referir que a quase totalidade dos estudos aqui apresentados, sendo inovadores, têm como base debates e investigações plenamente “madurecidas”.

Conquanto não tenhamos ainda as inovações e o conhecimento detido em outras áreas da Europa, é já longa a lista de eventos e obras publicadas que também pretenderam facilitar a transmissão de opiniões e estimular os debates. Um de nós (A.M.) foi particularmente activo na participação, colaboração, organização e publicação de obras dedicadas à Arqueologia Militar Romana, conceito proposto no ano de 1998 e que, desde então, foi unanimemente assentido, mas para o qual outros temas e outros autores

deram importantes contributos.¹ Ainda que algumas áreas geográficas careçam todavia de um considerável alento na investigação, a qual necessita obrigatoriamente de apoios, o panorama geral é, apesar de tudo, animador.

Mas se, por um lado, é necessário que a investigação avance com novas e inovadoras linhas, por outro, não podemos deixar de regressar ao passado, antigo e recente, de alguns sítios míticos da Arqueologia da Ibéria. Este retorno a sítios de ocupação militar já deu provas de que é possível renovar o entendimento sobre os recintos militares romanos, mas que somente será possível através de estudos rigorosos e de uma metodologia adequada que garanta o efectivo progresso da Arqueologia Militar Romana.

Por outro lado, atendendo a que a Hispânia antiga sofreu um processo de conquista bastante longo, que se arrastou por quase duzentos anos, desde o desembarque de Cneu Cipião em Ampúrias (218 a.C.), e considerando que existiu uma diversidade de situações históricas, eventos político-militares e constantes avanços e recuos no terreno, situação que se afasta da imagem de constante progresso no terreno e de um homogéneo domínio da Hispânia que nos foi transmitida por autores como Robert Knapp (1977), John Richardson (1986) ou Stephen Dyson (1985), estão ainda por definir as “zonas de fronteira” que seguramente existiram durante esse processo.

Infelizmente, identificar essa realidade em território hispânico não é tarefa fácil. Além de as “zonas de fronteira” terem correspondido a autênticas “terras de ninguém”, embora frequentemente atravessadas para realizar incursões a território inimigo, a maior antiguidade da conquista deste território, quando comparado com a Britânia ou com a Germânia, agrava a dificuldade em identificar as realidades militares romanas-republicanas.

Embora o modelo clássico do processo de conquista da Hispânia transmita uma ideia de progresso contínuo e de supremacia da máquina militar romana, na verdade este território foi a primeira grande experiência da expansão de Roma para lá dos relevos dos Alpes. Devemos somar a essa realidade o facto de o exército romano se ter adaptado regularmente ao longo dos dois últimos séculos antes da viragem da Era, sendo bem conhecidas as reformas de Caio Mário. Quiza também por estes motivos o progresso da investigação desta disciplina seja mais modesto na Península Ibérica, pois os vestígios de actividades militares romanas parecem estar mais dissimulados na paisagem.

Todavia, não devemos responsabilizar unicamente a invisibilidade do registo arqueológico, já que, infelizmente, temos vários exemplos recentes de situações devastadoras do património que retratam uma preocupante falta de cumplicidade com o passado e, sobretudo, com a Arqueologia. Talvez esta situação somente possa ver algum progresso caso as entidades competentes governamentais ampliem o apoio a projectos, científicos e de sensibilização, que garantam em definitiva a evolução do conhecimento e da divulgação do processo de conquista deste território.

Mas, como dizíamos, alguns problemas são intrínsecos aos vestígios antrópicos daquelas actividades e também à própria conjuntura histórica. Esse é precisamente o caso dos conflitos civis romanos, durante os quais já não se nota uma diferenciação tão clara entre os exércitos que se opõem. A viragem do século II para o I a.C. marca uma “fronteira” clara que separa momentos históricos, culturais e políticos bem distintos. Esta situação está, de alguma forma, relacionada com as mudanças que foram implementadas no próprio exército, o qual passa a desempenhar um papel cada vez mais relevante no cenário político. Com efeito, as reformas de Caio Mário facilitaram a evolução das legiões milicianas para corpos militares cada vez mais profissionalizados, o que se deveu ao recrutamento de homens

¹ Para uma síntese dos eventos e publicações vd. MORILLO CERDÁN, A., ADROHER AUROUX, A., DOBSON, M., MARTÍN HERNÁNDEZ, E. (2020): Constructing the archaeology of the Roman conquest of Hispania: new evidence, perspectives and challenges, *Journal of Roman Archaeology* 33: 36-52.

sem outro ofício, para além do militar, e que viram o exército como a sua única forma de progressão social e profissional.

Com efeito, pode considerar-se que as mudanças que marcam este momento foram potenciadoras dos conflitos civis que se seguiram. A partir de então, o exército romano fica cada vez mais independente do Estado, esbatendo-se o sentimento de unificação e o dever de lutar por Roma, tornando-se cada vez mais dependente dos respectivos comandantes e da unidade interna da legião. Por este motivo, o exército romano transformou-se num elemento manipulável que desequilibrava o poder político sob o comando de protagonistas. Porém, atribuir às reformas de Caio Mário uma eventual intensão revolucionária política e social é ainda um tema difícil de abordar. Importa, nesta apresentação aos trabalhos que se seguem, sublinhar que este cenário dificulta determinar através do registo arqueológico quais os que delatam actividade de um ou de outro bando. Com efeito, a expressão cliché que manifesta que este é um momento em que “romanos enfrentam a romanos”², embora passível de ser matizada, pretende esclarecer que a partir de então o panorama militar é bem mais opaco. Embora o conflito seja entre romanos, a presença de militares hispânicos, cuja categoria jurídica coloca várias questões de difícil resposta, seria uma constante em ambos exércitos, o que se reflecte numa fusão heterogénea da cultura material, das tácticas de guerra e da disciplina militar. Esta obra é particularmente insistente nos conflitos ocorridos na última centúria antes da viragem da Era.

Apesar das dificuldades, alguns trabalhos recentes têm sido determinantes na diferenciação entre ambas realidades³, sendo exemplo alguns dos que aqui se apresentam. Por outro lado, a desconstrução de estudos antigos e a (re)análise de alguns assentamentos determinantes para a compreensão das actividades militares em época romana-republicana já demonstrou ser eficaz para estabelecer com maior precisão os horizontes artefactuais e culturais do século I a.C. Cáceres el Viejo é, justamente, um desses sítios que acreditamos ter a capacidade de determinar as pautas de novos e precisos horizontes, ao qual estamos dedicados (C.P. e A.M.)⁴.

Outro problema que assombra os estudos desta natureza, que frequentemente é notado pelos investigadores, é o facto de o exército romano ter utilizado assentamentos indígenas – aliados ou não – como base de operações ou para acomodar os soldados durante as estações frias.

² Expressão utilizada na exposição “Romans contra romans. Sertori i les guerres civils en el sud-est d’Hispania”, a 8 de Março de 2016 no MARQ, e que apresentou os resultados do projecto: *Las huellas de las guerras civiles romanas en el sudeste de Hispania. Conflictos y transformación cultural* (HAR2012-32754).

³ MORILLO, A.; CADIOU, F.; HOURCADE, D. (eds.) (2003): *Defensa y territorio en Hispania de los Escipiones a Augusto (espacios urbanos, rurales, municipales y provinciales)* (Madrid, 2001). León-Madrid; CADIOU, F.; MAGALLÓN, M^a A.; NAVARRO CABALLERO, M. (eds.) (2008): *La guerre et ses traces dans la Péninsule Ibérique à l’époque de la conquête romaine: approches méthodologiques* (Madrid, 2007). Salduie 8. Zaragoza; QUESADA SANZ, F.; NAVARRO CABALLERO, M.; CADIOU, F. (coords.) (2010): *De Armas, de Dioses y de Hombres: el papel de las armas en la conquista romana de la Península Ibérica*. Gladius 30. Madrid; SALA SÉLLES, F., BAYO, S. and MORATALLA, J. (2013): Dianium, Sertorio y los piratas cilicios. Conquista y romanización de la Contestania ibérica, in ÁLVAREZ-OSSORIO, A.; FERRER ALBELDA, E.; GARCÍA VARGAS, E. (COORD.), *Piratería y seguridad marítima en el Mediterráneo Antiguo*. Sevilla: 187-210; SALA SELLÉS, F.; MORATALLA, J. (eds.) (2014): *Las guerras civiles romanas en Hispania: una revisión histórica desde la Contestania*. Alicante; CADIOU, F.; NAVARRO CABALLERO, M. (eds.) (2014): *La guerre et ses traces dans la péninsule Ibérique. Conflicts et Sociétés en Hispanie à l’époque de la conquête romaine (IIIe-1er siècle av. J. C.)*. Mémoires 37. Bordeaux; FABIÃO, C.; PIMENTA, J. (eds.) (2014): *Conquista e Romanização do Vale do Tejo* (Vila Franca de Xira, 2013). Cira Arqueologia 3. Vila Franca de Xira; MATALOTO, R., MAYORAL HERRERA, V.; ROQUE, C. (eds.) (2014): *La gestación de los paisajes rurales entre la protohistoria y el período romano: Formas de asentamiento y procesos de implantación* (Redondo-Alandroal, 2012). Anejos de Archivo Español de Arqueología 70. Madrid; PADRÓS, C.; RUIZ DE ARBULO, J. (eds.) (2015): Dossier: Castella i praesidia a la façana mediterrània de la Hispània tardorepublicana. *Revista d’Arqueologia d’Ponent* 25: 229-325; PERA I ISERN, J.; VIDAL, J. (eds.) (2016): *Fortificaciones y control del territorio en la Hispania republicana*. Zaragoza; PRINCIPAL I PONCE, J.; ÑACO DEL HOYO, T.; DURAN I CAIXAL, M.; MESTRES SANTACREU, I. (eds.) (2017): *Roma en la Península Ibérica presertoriana: Escenarios de implantación militar provincial*. Col·lecció Instrumenta 56. Barcelona; MORILLO CERDÁN, A.; SALA SELLÉS, F. (2019): The sertorian wars in the conquest of Hispania: from data to archaeological assessment, in FITZPATRICK, A.; HASEL GROVE, C. (eds), *Julius Caesar’s Battle for Gaul. New Archaeological Perspectives*. Oxford: 49-72. Apenas para mencionar alguns.

⁴ PEREIRA, C.; MORILLO, A.: El campamento de Cáceres el Viejo. Una nueva aproximación de conjunto. En preparación.

Este “exército oculto”⁵ dissimula-se em estratos e em arquiteturas que têm uma génese local e nem sempre é fácil averiguar quais os vestígios que comprovam esta situação. No Ocidente peninsular, concretamente no território actualmente português, alguns sítios têm oferecido evidências destas utilizações militares em povoados indígenas.

UMA BREVE EXPOSIÇÃO DOS ESTUDOS

Para que melhor possamos compreender e entender o território – real e imaginário – na perspectiva dos conquistadores, o primeiro trabalho esboça um breve ensaio sobre as representações da Península Ibérica através da narrativa mítica coetânea. Neste ensaio ganha particular relevância o mito de Gérion, com quem Hércules lutou para lhe arrebataram os bois (Hes. *Theog.* 287), cujo palco foi situado em diversas localizações do mundo então concebido pelos gregos e romanos. Uma dessas localizações era, justamente, no Ocidente mediterrâneo, numa ilha próxima do oceano (Apollod. *Bibl.* 2.5.10; Strab. *Geog.* 3.148; 3.150 e 3.169), localização que se converteu em unísono durante o momento que constitui o marco temporal desta obra (Verg. *Aen.* 7.262-263; Diod. Sic. 4.17.1-2; 18.2-3), ou seja, os séculos II e I a.C., mas que em época imperial voltaria aparentemente a ser deslocada (Mangas, Plácido, 1999).

Estas narrativas foram – e continuam a ser – essenciais para o entendimento da perspectiva tida do mundo conhecido. Para Estesícoro de Hímera a ilha do mito de Gérion e o confronto com Hércules localizar-se-ia no extremo do mundo conhecido, a Ocidente. Este autor foi considerado o originador da localização ocidental do evento mitológico, associada ao limite do mundo conhecido, mas cuja localização se vai alterando consoante os limites desse mundo se alargam. Assim, “zonas de fronteira”, sinónimo de extremo do mundo antigo percebido, e mitos fundem-se em narrativas literárias que legitimam a colonização e a conquista do herói civilizador de novos territórios habitados.

Também o mito das Hespérides convergia para a mesma geografia percebida pelo imaginário greco-romano e que tem em comum com o de Gérion o herói grego – Hércules – que marcou os limites do território conhecido. Aquele trabalho deixa igualmente claro que também neste caso os limites geográficos do mito se foram adaptando às fronteiras do mundo conhecido. Todavia, importa reter que estes mitos reportam igualmente uma ideia de riqueza que terá fomentado a vontade de “explorar e civilizar”.

Destaca, contudo, o carácter belicista intrínseco a ambos mitos, extensível à maioria das narrativas antigas associadas ao extremo Ocidente, nas quais os próprios habitantes de territórios inóspitos são descritos como “belicosos”. Esta ideia de conflitualidade, contudo, não pode ser entendida, na perspectiva de alguns autores, como uma propaganda colonizadora que pretende justificar as acções tidas no alargamento das fronteiras da região conhecida. Neste âmbito, é interessante reparar que a noção de conflito e conflitualidade que teve a Península Ibérica como palco é anterior ao momento em que se centra esta obra, situação patenteada através dos mitos tratados neste trabalho – e nas suas variadas versões –, que contribuíram, de facto, para uma representação do mundo antigo. Gregos, primeiro, e romanos, depois, surgem nestas narrativas como civilizadores, unificadores e modeladores dos novos territórios que marcam novas e dilatadas fronteiras.

A literatura antiga, porém, não oferece unicamente perspectivas acerca da percepção geográfica, mas também permite conhecer alguns aspectos sobre a condição da mulher na Antiguidade e qual a sua relação com a sociedade, com o exército e com a guerra. Este é, justamente, o tema central dos segundo e terceiro trabalhos apresentados. A mulher é observada aqui desde várias perspectivas

⁵ Conceito utilizado inicialmente por Carlos Fabião, (2006): *The Roman Army in Portugal*, in A. MORILLO CERDÁN; J. AURRECOECHEA FERNÁNDEZ (eds.), *The Roman Army in Hispania. An archaeological guide*. León: 121-122; 2ª ed. em espanhol, A. MORILLO CERDÁN (eds.) (2007), *El ejército romano. Guía arqueológica*. León: 113-134.

através da literatura e da iconografia: mulher; mãe; vítima; beneficiadora, entre outros. Com efeito, a relação de ambos géneros com a guerra é algo atemporal e, de uma forma mais ou menos directa, ambos foram protagonistas influenciadores e influenciados pelas acções e consequências da guerra. É certo, contudo, que a mulher tem um papel cada vez mais relevante na História Militar recente, mas também na Antiguidade reparamos que tiveram uma palavra na violência e na guerra encabeçada e legitimada pelos homens.

Vemos, pois, que da mesma forma que a guerra é para o género masculino uma obrigação de prestígio, preeminência social, mas simultaneamente uma obrigação cultural e ideológica, para as mulheres a guerra representava uma realidade que também não podiam evitar. Assim, a guerra influenciava a vida de todas as classes e géneros das sociedades antigas, propagava ideias, mesmo sem recurso à violência, e era geradora de narrativas que legitimavam as decisões político-militares. As mulheres viviam com a guerra – nas suas mais variadas situações –, sofreram com as consequências (imposições penalizadoras; baixas; violência; entre outros), mas também foram protagonistas e representantes da guerra, mediadoras da paz e até instigadoras de violência.

De igual forma, as mulheres hispanas foram relevantes nos conflitos militares ocorridos no Ocidente durante a conquista, mencionando-se, inclusive, situações concretas em que empunharam armas e lutaram ombro a ombro com os homens (App. *Hip.* 71). Ainda assim, é inegável que existiu uma evidente relação do poder e da actividade militar à força física masculina. A mulher foi sobretudo vítima e intérprete secundário que exerceu o seu poder e influência em outros âmbitos – na família, no espaço privado e no público – ora instigando a guerra com sentimento de vingança, ora apaziguando o espírito. É bem conhecida a situação da fundação de Carteia (Livy 43.3.1-4), em 170 a.C., autorizada pelo Senado romano e constituída a população pelos descendentes das relações entre militares romanos e mulheres indígenas. Todavia, não é suficiente resgatar e reconhecer o papel tido pela mulher no âmbito militar da Hispânia, devendo emergir também a sua relevância nos restantes sectores, o que já tem sido demonstrado por recentes trabalhos, valorizando-se assim a sua importância na História.

Mas não é apenas a literatura antiga que permite reconstruir o entendimento do passado, pois também a literatura dos séculos XVI e XVII permite definir e obter resultados interessantes acerca da evolução da construção da própria História Antiga, condicionada pela ideologia e pela conjuntura da época. Esse é o caso do trabalho subscrito pela dupla hispano-lusa que, centrando-se nas batalhas de *Ilija* e de *Munda* na historiografia e corografia ibéricas de autores espanhóis e portugueses, realizam uma análise comparativa das diferentes perspectivas circunscritas em uma época concreta e construídas com base em identidades definidas pela geopolítica e sociedade coetânea. Reparámos que, tal como na Antiguidade, eventos antigos são utilizados para construir narrativas propagandísticas orientadas ao enaltecimento dos estados modernos, famílias nobres ou da própria conjuntura e poder político da época.

Com efeito, este estudo revela-se como um ensaio positivo na compreensão de eventos político-militares antigos por parte dos eruditos ibéricos que, quando comparado entre diferentes estados, resulta em dados interessantes sobre o entendimento condicionado – por vezes até manipulado – das obras clássicas por parte dos autores modernos. Dar continuidade a esta linha de investigação, estendendo a linha temporal até à contemporaneidade, dará seguramente uma perspectiva bem mais completa da evolução historiográfica de tais percepções.

O mesmo tipo de análise foi experimentado para a evolução da interpretação e da localização do lugar em que a batalha de *Munda* teve lugar, relacionando-se com o episódico evento bélico de *Urso* (Osuna, Sevilha). Foi feita uma compilação dos dados filológicos conhecidos sobre aquela batalha,

sem esquecer os resultados de trabalhos arqueológicos realizados no início do século passado por P. Paris e A. Engel, que expuseram uma potente estrutura de bastiões. Algo que claramente destaca com este trabalho é a periódica necessidade de regressar a velhos temas e a antigos trabalhos, através da consulta de documentação antiga e trabalhos publicados, para, com o auxílio das novas tecnologias, analisar determinadas questões desde diferentes perspectivas ou, pelo menos, com recurso a novas ferramentas.

Indicações literárias, vestígios arqueológicos e filologia perfilam-se em consonância para considerar válida a possível localização do *Campus Mundensis* nas proximidades de Osuna, local onde estão fossilizados habitats que terão justificado o interesse estratégico que representou *Munda* enquanto local de tradição histórica e prestígio para a conquista. Tal situação pode considerar-se plasmada na estrutura que foi posta a descoberto por Paris e Engel e também na considerada quantidade de armamento que o local forneceu, mas que exige uma intervenção futura urgente e metódica no âmbito de um ambicioso projecto científico que valorize adequadamente o sítio e a sua memória histórica.

De facto, a Arqueologia continua a ser a disciplina que permite resgatar ao tempo e à terra algumas das páginas que necessitamos para construir a História. Neste sentido, cada vez mais é importante dissecar metodicamente os sítios e os contextos que escavamos. Já não são suficientes os meros trabalhos de síntese sobre assentamentos com base em conjuntos e contextos seleccionados. As novas tecnologias, os métodos válidos na análise estratigráfica e as quantificações exaustivas são ferramentas forçosas na análise e que nos permitem um enquadramento preciso da condição e situação do povoamento antigo. O segundo bloco de trabalhos apresentados nesta obra busca, justamente, cumprir com estes novos métodos. Todavia, representam na sua maioria estudos reflectidos, contendo propostas e interpretações que vão mais além das primeiras análises e de considerações ensaiadas.

Tendo-se pretendido oferecer um panorama geral acerca das acções militares romanas na metade meridional da Península Ibérica, quer da perspectiva dos romanos quer da dos hispânicos, reconhecemos que muito ficou por dizer e outros trabalhos e assentamentos poderiam ter sido incluídos, igualmente dignos de divulgação e de reconhecimento. As várias limitações impostas, contudo, impediram que esta obra fosse mais extensa, mas deixam a porta aberta para futuras obras colectivas desta natureza.

O trabalho da equipa alicantina demonstra como a análise detalhada dos sítios e dos materiais pode mudar notavelmente o nosso entendimento por parte de alguns contextos e até de alguns assentamentos. É deveras fascinante o sistema de fortins construídos ao longo da costa alicantina que representam uma linha de vigilância implantada estrategicamente no topo de cerros de pequena dimensão. Estes sistemas estratégicos de vigilância, utilizados no contexto do conflito sertoriano e que começam agora a ser conhecidos com mais detalhe, são vestígios manifestos da instabilidade na região, mas que não são exclusivos de sítios litorais. Talvez possamos começar a delinear uma certa sistematização da estratégia utilizada num momento concreto, atribuível a um dos bandos envolvido no conflito, passível de ser associada a um método bélico característico dos partidários sertorianos. Aliás, nesta obra esta mesma estratégia pôde ser averiguada no território da Extremadura espanhola, ainda que em menor escala.

Punta de la Torre, Penyal d'Ifac, Cap Negret, Tossal de la Cala, Penya de l'Àguila e Passet de Segària são alguns dos assentamentos que foram alvo de uma renovada interpretação alentada pelo avanço do conhecimento plasmado em vários trabalhos de diversa natureza (livros, artigos, teses), resultando de projectos científicos de investigação. Tossal de la Cala é o sítio tratado com mais detalhe, o que está relacionado com as intervenções aí realizadas e que resulta num abundante número de publicações, nas quais é evidente a atenção dada à própria tipologia da arquitectura, devidamente contextualizada

pelos materiais, para, no final, ensaiar um enquadramento histórico e militar, no qual se destacam os contextos sertorianos. Todavia, os autores deixam em aberto outras possibilidades interpretativas, alentadas pela extensão da cronologia da ocupação de alguns dos sítios tratados e mencionados.

Segue-se-lhe um trabalho que actualiza e amplia os dados sobre o sítio de El Pedrosillo. Os trabalhos arqueológicos aí desenvolvidos haviam deixado claro que este local foi palco da presença de actividades militares em época romana. A última intervenção, que recorreu a outras metodologias menos convencionais e não destrutivas, permitiu uma interpretação renovada da ocupação do local, mas sobretudo da extensão espacial e temporal. Com os resultados destes trabalhos torna-se evidente o carácter militar romano do local, patenteado pelos abundantes artefactos metálicos recuperados – muitos dos quais de índole militar. A dispersão destes vestígios, associados à proximidade de recintos de planta irregular e de clara estratégia militar, amparados por outras estruturas defensivas – é o caso dos fortins circulares e dos *titula* –, permitiram, pois, ponderar sobre a possível presença de um campo de batalha.

A cronologia destas evidências parece manter a sugestão de que podem estar relacionadas com eventos militares da segunda metade do século II a.C., eventualmente no âmbito das Guerras Lusitanas (155-138 a.C.), o que é demonstrado pela cronologia dos numismas recuperados, mas também pela arquitectura e pelos artefactos. Tal como os restantes trabalhos que compõem este volume, todos os dados estão frequentemente respaldados por abundantes paralelos que legitimam muitas das conclusões apresentadas.

A mesma cronologia foi considerada para o sítio de Valdeterres, classificado como acampamento – ou acampamentos, uma vez que lhe são imputadas várias ocupações – que terá sido relevante nas acções militares das Guerras Lusitanas, mas também nos conflitos que se lhe seguiram e, ainda, no âmbito da Guerra Sertoriana. Este espaço, contudo, é considerado um possível acampamento multifásico que terá sido relevante, do ponto de vista estritamente militar, mas também logístico, em todos aqueles conflitos. A proposta de uma ocupação dilatada no tempo e a utilização continuada do mesmo espaço – ou quiçá o recorrente regresso ao mesmo lugar – são argumentos que permitem reforçar a ideia de conflitualidade deste território e o constante confronto entre romanos e hispânicos, primeiro, e silanos e marianos, depois.

A proximidade geográfica, mas também a detecção de um padrão idêntico na arquitectura e na composição de determinados contextos consente uma comparação com o acampamento militar romano de Cáceres el Viejo. De facto, este importante sítio continua a ditar pautas e modelos das ocupações militares tardo-republicanas, do qual esperamos em breve ter mais dados e um estudo detalhado. Ambos são considerados pelo autor como estabelecimentos estáveis estabelecidos com um propósito ambicioso que somente é compreendido se inserido num âmbito mais amplo. Concordamos que estes recintos não eram espaços voltados para si mesmos, tendo como propósito uma acção de expansão e de controlo, mas para cada um deles devemos encontrar o momento concreto em que foi utilizado, assim como o seu propósito.

Valdeterres é-nos apresentado como um sítio de fundamental importância relacionado com os eventos militares, abastecimento e sítios estratégicos da segunda metade do século II a.C. e primeiro quartel da centúria seguinte. Entremeando entre o registo arqueológico e os dados literários, o autor oferece-nos uma exposição argumental concludente que imputa aos sítios mencionados e seus agentes, além da estratégia militar, intenções económicas.

De Cáceres el Viejo é-nos apresentado aqui um primeiro aditamento sobre o (re)estudo do armamento. Este trabalho constitui somente uma pequena parte da análise integral e integrada que se está de momento a realizar e que pretende voltar a colocar este recinto militar no centro do

debate. Este é mais um exemplo de que o regresso aos clássicos sítios e aos velhos debates, tendo por base as mais recentes visões e avanços no entendimento dos artefactos, contextos e história, pode gerar um conhecimento mais detalhado do passado. O autor oferece-nos um panorama do conjunto armamentístico recuperado ao longo de cerca de um século no recinto militar extremeño, ambicionando através dele um esboço da composição do exército que aí se assentou.

As conclusões são condicentes com a própria arquitectura defensiva bem conhecida, onde se terá estabelecido um exército romano – no verdadeiro sentido da palavra –, mas incorporando seguramente elementos de clara génese hispânica. Estes dados estão, pois, de acordo com o âmbito cronológico que lhe vem sendo considerado. Aliás, estão bem explícitas nas conclusões do autor que conjunto e paralelos demonstram claramente um reflexo da inovação militar encetada por C. Mário. Justamente por este motivo – é sabido que as suas reformas se focaram particularmente na infantaria – sobressai a existência de abundante armamento de infantaria, mormente de índole itálica, mas também de auxiliares hispânicos, sendo particularmente relevante e interessante a presença de um conjunto fornido de elementos relacionáveis com uma unidade de artilharia.

Situação distinta da que se apresenta nos trabalhos antes mencionados é a de Villasviejas del Tamuja. Este importante sítio constitui um bom exemplo de uma realidade difícil de rastrear – a do mencionado “exército oculto” – e é actualmente alvo de um projecto de investigação que, não duvidamos, trará novos e renovados dados que permitirão conhecer este assentamento com mais detalhe. Os autores deste trabalho oferecem-nos os primeiros resultados das intervenções aí realizadas, que foram antecedidas por diagnósticos não destrutivos do subsolo, mas que revelaram um edificado complexo e imbricado, no qual destacam algumas estruturas que, pela sua planta e materiais associados, podem ser vinculadas à consensual presença militar neste sítio.

A configuração de um dos recintos existentes em Villasviejas era já argumento para a presença de militares no aglomerado, mas que agora se consubstancia em evidências mais concretas. Foi justamente naquele recinto, no qual destaca um evidente controlo visual estratégico, que foram documentados edifícios de planimetria similar à dos ulteriores *castella*, pois os vestígios descritos integram-se nas primeiras décadas do século I a.C. Em outra área os autores identificaram também um edifício a que atribuem funções relacionadas com o abastecimento e armazenamento militar. Além de rastrear a presença militar no sítio, foi igualmente inquirida na bibliografia da especialidade a origem de construções dessa natureza, vislumbrando-lhes uma génese itálica pouco anterior ao momento antes mencionado. Assim, poderão estes exemplos representar os primeiros modelos dos edifícios descritos – os similares aos de tipo *castella* e os de armazenamento – uma proposta deveras interessante que abre outras possibilidades para identificar realidades militares dissimuladas por entre construções civis.

Conquanto os autores relacionem a maioria dos vestígios com a etapa sertoriana, auscultada através das evidências de Cáceres el Viejo com o qual se relaciona, e dos contextos escavados, foi esclarecido ainda que o sítio terá permanecido ocupado durante meados e segunda metade do século I a.C., não sendo possível, por ora, determinar com mais rigor a última fase de ocupação do sítio. Todavia, é indubitável que este local estivesse activo durante o conflito sertoriano, relacionando-se com vários assentamentos conhecidos, ensejando-se apurar, no futuro, qual o papel desempenhado pelos recintos de Villasviejas na situação que opôs romanos e hispânicos, mas também qual a sua relação com recintos militares como o de Cáceres el Viejo e a estratégia militar encetada num território que pode ter representado uma “zona de fronteira” em determinado momento da primeira metade do século I a.C.

Com efeito, os recentes trabalhos concretizados nos relevos que antecedem o Sistema Central falam nesse sentido. Cáceres Viejo de Santa Marina, embora conhecido desde há longa data, somente agora ofereceu dados que permitem um enquadramento crono-cultural mais ajustado. Se, por um lado, é

tentador considerá-lo um posto avançado, estabelecido para lá do Tejo, das ocupações militares estáveis localizadas mais a Sul, como é o caso de Cáceres el Viejo, por outro, os vestígios aí detectados invalidam uma relação com o acampamento escavado por Adolf Schulten. Implantação, arquitectura, orografia, estratégia e cultura material parecem estar mais relacionadas com as comunidades localizadas a Norte do Tejo, da mesma forma que aliciam uma relação com tácticas militares próprias de contingentes em clara desvantagem. Apesar disso, as considerações tidas para o sítio, embora representem as propensões do autor, deixam em aberto outras possibilidades, não só interpretativas, mas também cronológicas.

Depois deste trabalho, daremos um salto para o território actualmente português, começando pelo Sul, área onde as acções militares são ainda mais difíceis de rastrear, não significando isso a ausência de conflitos ou mesmo de exército. Com efeito, ainda que a presença romana no Algarve pareça ter sido progressiva e relativamente pacífica, desde pelo menos momento centrado do século II a.C., alguns sítios e vestígios podem ser prova de que isso nem sempre assim aconteceu. Cerro do Cavaco e alguns contextos de Monte Molião são chamados à colação para demonstrar a existência de evidências militares ou, pelo menos, de conflitualidade. Infelizmente, pouco sabemos sobre o primeiro caso, sendo necessário que o sítio seja investigado com mais detalhe, além dos materiais que têm sido recolhidos à superfície do terreno.

Monte Molião revela-se como um sítio de elevado interesse para a região, sendo bem conhecido o debate sobre a sua possível relação com a *Laccobriga* mencionada na literatura clássica, adepta dos partidários de Sertório. Com efeito, são conhecidos alguns vestígios no sítio que podem estar relacionados com o episódico cerco a esta cidade – concretamente um fosso de perfil em V e uma eventual ocupação tardo-republicana esporádica e temporária identificada no exterior da área urbana.

Igualmente interessantes são os dados colhidos em Castro Marim e no Cerro da Rocha Branca. Todavia, a ocupação romana-republicana deste assentamento está ainda vagamente definida, situação que aguardamos possa mudar num futuro próximo. A localidade de Castro Marim integra dois cerros de relativa identidade encimados por construções medievais e modernas. Ambos cerros guardam vestígios de uma densa ocupação da Idade do Ferro – ainda que a mais importante seja a que se implantou no cerro onde se ergue o castelo medieval –, à qual se sobrepôs a romana. É digno de referência o facto de esta ocupação se ter efectivado primeiro no cerro do Forte de São Sebastião, tendo-se trasladado, depois, para o cerro do castelo, onde se localizava o núcleo urbano. Esta situação pode, eventualmente, vincular-se com as próprias dinâmicas entre romanos e hispânicos, por vezes de conflito, mas sendo igualmente prováveis relações de paulatina assimilação.

Subimos depois para a região do Alentejo Central, área que tem sido analisada numa perspectiva de charneira entre o Tejo e o Guadiana e que está pontilhada por abundantes assentamentos que têm revelado, nas últimas décadas, importantes vestígios militares. Os autores focam-se num momento concreto, balizado entre as últimas décadas do século II e as primeiras do I a.C., situação imposta pela vasta área interior do Sul de Portugal que se traduz em abundantes sítios e vestígios desta natureza. Neste trabalho são mencionados vários assentamentos que ofereceram vários vestígios reveladores de presenças militares romanas. Os artefactos metálicos ganham particular importância na definição crono-funcional de alguns deles, correspondendo a complementos de armaduras, de indumentária, mas estando também presentes os projecteis de chumbo e as cerâmicas enquanto definidores dos horizontes cronológicos.

Este estudo, contudo, não está unicamente limitado à análise de artefactos reveladores de presenças militares recolhidos em prospecções ou recorrendo à utilização de novos métodos tecnológicos. Ao longo do trabalho são revelados dados mais concretos de contextos e de sítios delatores de enfrentamentos militares ou, pelo menos, episódios violentos. Sugere-se que o Monte

Novo e o Castelo Velho do Degebe tenham sido abandonados durante o primeiro quartel do século I a.C., o que terá sido antecedido por incêndios e pela destruição dos povoados, apoiando-se igualmente em informações colhidas nas fontes literárias. Deixando em aberto uma cronologia mais concreta, ainda que sugerindo uma relação com o conflito sertoriano, os autores anunciam que novos dados serão revelados no futuro.

Um pouco mais a Norte encontramos o emblemático sítio de Cabeça de Vaiamonte, objecto de vários trabalhos publicados e também estudos monográficos. O mais recente, resultado da tese de doutoramento da autora, é-nos aqui apresentado de forma sintetizada. Conquanto o assentamento ofereça uma ocupação bastante dilatada no tempo e os contextos das intervenções arqueológicas não possam ser reconstituídos com detalhe, destacam os vestígios relacionados com presenças militares, entre o final do século II e meados da centúria seguinte, mas sobretudo a que será coetânea do conflito sertoriano. Estamos novamente perante um “exército oculto” diluído num aglomerado civil, nem sempre sendo claro se este apoiava essa presença ou se os contextos revelam uma militarização imposta pela força/violência.

Como acontece em outros tantos casos, são mais as questões em aberto do que as certezas nos estudos que realizamos. Também neste caso a autora debate-se entre as várias problemáticas, mantendo o diálogo em aberto, reforçando propostas na esteira de outros trabalhos e avançando interpretações inovadoras acerca da ocupação militar do assentamento. A etapa sertoriana é considerada o momento em que a assimilação ente romanos e indígenas é mais evidente, embora permaneça uma certa heterogeneidade no registo arqueológico, situação que não facilita determinar a que partidários apoiava este assentamento. Conquanto Cáceres el Viejo seja reiteradamente utilizado como imagem reflectiva dos sítios descritos, é, de facto, com a cultura material de Cabeça de Vaiamonte que mais encontra semelhanças. Esta situação pode ser sintoma de que ambos formavam parte de uma estratégia de controlo do território, assumindo-se o acampamento como estruturador e coordenador de vários destacamentos disseminados em seu redor, que utilizavam povoados indígenas como local de aquartelamento.

O Castro de Chibanes é apresentado pela equipa que aí tem realizado as mais recentes escavações, que resultaram em novos estudos de que este trabalho é exemplo. Trata-se de um assentamento de leitura similar ao anterior, no qual a ocupação romana-republicana se sobrepõe à de um aglomerado indígena a partir de final do século II a.C. Uma presença militar está atesta na primeira fase dessa ocupação, a qual deixa de ser evidente a partir de momento centrado da primeira metade do século seguinte. Das considerações dos autores, destaca sobretudo a eventual relação deste sítio com o local que nos foi transmitido por Ptolomeu – *Caepiana* –, relação que já havia sido intuída antes por outros investigadores, mas que aqui volta a ser debatida. Igualmente importante é a opinião de que, mesmo após as acções de Décimo Júnio Bruto no Ocidente, a instabilidade nesta região ter sido uma realidade constante na vida das populações, mesmo apesar do silêncio das fontes durante o final do século II e início do I a.C.

A relação do Castro de Chibanes com o conflito sertoriano é assumida pelos contextos que acusam um evento violento que terá afectado consideravelmente o quotidiano da população, após o qual a presença militar parece diluir-se e é retomada uma relação evidente com a área meridional hispânica. É realmente interessante este fenómeno destrutivo, que não está documentado da mesma forma nos restantes sítios, situação que complica o quadro do enfrentamento e quais os aliados e inimigos que se opunham. Talvez trabalhos futuros possam vir a reconhecer estes vestígios em outros sítios, algo para o qual a tradicional metodologia continua a ser o único meio de consecução. Cáceres el Viejo tem sido mencionado como um local que também assistiu a um fenómeno violento desta natureza, mas que

tem perdido cada vez mais seguidores, como, aliás, se pode ver nesta obra. Em contrapartida, reflecte-se também na coincidente “desmilitarização” do aglomerado com a presença de Júlio César na Hispânia.

Do vale do Sado passamos ao vale do Tejo, onde se tem investido no estudo de um importante sítio – o Monte dos Castelinhos. Este assentamento foi já assunto para abundantes publicações e apresentações, sendo claro que se trata de uma fundação *ex novo* que perdurou até à segunda metade do século I d.C. No entanto, a primeira fase de ocupação ofereceu abundantes vestígios passíveis de ser relacionados com presenças militares. Este estudo oferece-nos uma reflexão ponderada sobre o sítio, utilizando aqueles vestígios como fundamento para uma implantação estratégica num momento concreto da Conquista Romana da Hispânia.

O investimento concedido a este sítio pelos arqueólogos municipais representa um exemplo ideal a seguir, conciliando velhos e novos métodos de investigação e recorrendo às mais recentes ferramentas tecnológicas, trabalhos que resultaram – e continuam a resultar – num conhecimento cada vez mais preciso do urbanismo e da arquitectura do assentamento, da cronologia da ocupação e também dos artefactos associados a uma fácies que está ainda vagamente definida. Também neste local as metódicas intervenções revelaram níveis e contextos passíveis de ser associados e um evento violento, mas agora eventualmente relacionado com o conflito que opôs cesarianos e pompeianos. Todavia, embora seguramente impactante para a população, o aglomerado continuou a prosperar, tendo-se prolongado a sua ocupação até ao século I d.C., tal como é dito pelos autores, situação que consente uma nova reflexão sobre a conexão Monte dos Castelinhos/*Ierabriga*.

No último trabalho aqui oferecido, um daqueles autores continua a brindar-nos com as suas recentes investigações. Tendo a área do baixo Tejo como foco central, e em jeito de breve exposição de um trabalho monográfico futuro, apresenta-nos uma leitura conjunta dos sítios conhecidos com ocupações romanas-republicanas que, de alguma forma, podem estar relacionadas com a utilização de uma via de acesso ao interior peninsular. *Olisipo* e *Scallabis/Moron* surgem como polos dinamizadores dessa via, em torno da qual orbitaram importantes sítios de ocupação pré-romana, mas onde também foram fundados novos, de evidente função militar.

PERDIDOS E ACHADOS: CONTEXTUALIZANDO O EXÉRCITO ROMANO NO OCIDENTE

É actualmente consensual que as fontes clássicas expressam distintas dinâmicas do processo de Conquista da Hispânia, algo que também está patente nos trabalhos apresentados. Num primeiro momento, o Ocidente parece ter estado à margem dos conflitos, quer nos enfrentamentos com os cartagineses quer nas primeiras pugnas com Celtiberos e Lusitanos. Na primeira metade do século II a.C. as lutas foram mais intensas na província da Citerior, mas depois do episódio perpetrado por Galba estenderam-se também à Ulterior, acabando por ser submetido o território até ao Tejo, algo que se conclui com o governo de Décimo Júnio Bruto. Porém, é consensual que tais enfrentamentos ocorreram sobretudo a Sul, além de algumas incursões, motivo pelo qual as áreas mais setentrionais e interiores não oferecem vestígios tão evidentes de presenças militares.

Tendo sido já mencionado antes e reiterado nestes trabalhos, transgredidas as grandes resistências ao avanço do exército romano, tem início uma nova e fluida etapa de ocupação do território. De facto, à campanha de Júnio Bruto ter-se-ão seguido outras, menos conhecidas, que ditam o domínio efectivo da região a Sul do Tejo, mas também entre este rio e o Douro. Infelizmente as notícias que a literatura nos fornece são demasiado fragmentadas e incompletas, conhecendo-se, ainda assim, confrontos com os Lusitanos nos anos de 114, 112, 109, 102, 101-100, 99, 96 e 94 a.C. (*App. Hisp.* 99-100; *Eutr.* 4.27; *Plut. Vit. Mar.* 6; *Cic. Verr.* 3.209; *Act. triumph.* 98, 101). De facto, muitos dos sítios que se apresentam aqui

oferecem datações de fundação e/ou ocupação que são condicentes com estas datas, sem que, por ora, seja ainda possível uma adscrição mais concreta suportada pelos dados arqueológicos. Mesmo conciliando Arqueologia e Historiografia, infelizmente nem sempre é possível determinar com precisão as fácies dos sítios nem a sua relevância militar – quando a tiveram – em cada um daqueles eventos.

Deve ter-se igualmente em conta que nesta mesma altura processam-se mudanças profundas no exército romano que têm reflexo no registo arqueológico, além de que influenciam também os eventos políticos e militares do século I a.C. As reformas de Caio Mário, implementadas a partir de 107, transformaram as unidades táticas, o armamento, a logística do exército e tiveram impacto sobretudo no sistema de recrutamento e sentimento de luta das legiões.

Também esta realidade justifica a situação política e militar tão contrastante do século II para o século I a.C. O território cada vez mais amplo controlado por Roma, que se estende nesta altura a praticamente toda a costa do Mediterrâneo, e a evidente necessidade de recrutamento, obrigou a que o exército se profissionalizasse, algo que acabaria por mudar profundamente a obediência directa ao Senado, passando os exércitos a ser parte dependente dos comandantes. Esta mudança de poder e a imposição militar sobre a política e a sociedade, assim como a composição de um exército mais eficiente foi a antecâmara de transformações decisivas operadas vários anos mais tarde, não sem antes provocarem choques militares eternizados no registo arqueológico.

A maioria dos trabalhos versa justamente sobre estas realidades sucedidas durante o século I a.C. Alguns constituem verdadeiros achados arqueológicos que aportam dados inéditos relevantes sobre as acções militares tardo-republicanas, outros renovam velhos debates que julgávamos esgotados ou mesmo perdidos, mas que agora estão constituídos por novos argumentos. Outros tantos – mais ainda – permanecem silenciados, mas desejamos que este seja um incentivo para que, num futuro breve, possam somar-se a estes, auxiliando a composição das dinâmicas militares romanas operadas neste palco.